


Sobre a experiência de ócio: um ensaio esquizoanalítico

On Idleness Experience: A Schizoanalytic Essay

Francisco Welligton Barbosa Jr. 
Technische Universität Chemnitz
Chemnitz, Alemanha
✉ franciscowbjr@gmail.com

José Clerton de Oliveira Martins 
Universidade de Fortaleza
Fortaleza, Brasil

Recebido: 05/03/2025 **Aceito:** 18/09/2025
DOI: <https://doi.org/10.69967/07194773.v13i.544>

Resumo

Propomos neste ensaio refletir sobre a experiência de ócio à luz da esquizoanálise. A partir disso, realizamos uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, com obras que se relacionam ao ócio e obras sobre a esquizoanálise. Isso nos permitiu desenvolver os seguintes tópicos para as nossas análises: Considerações sobre o ócio: análises esquizoanalíticas; Ócio menor: uma experiência contra-hegemônica; Ócio: entre resistências e (re)produção de hegemônias. Do percurso podemos inferir que as experiências de ócio expressam e atualizam tensões referentes ao agenciamento de fluxos de desejos entre a cultura e indivíduo.

Palavras-chave : ócio; experiência; subjetividade; cultura; esquizoanálise.

Abstract

In this essay, we propose to reflect on the idleness experience under the light of schizoanalysis. From this, we conducted a narrative bibliographic review, with works related to idleness and works on schizoanalysis. This allowed us to develop the following topics for our analyses: Considerations on idleness: schizoanalytic analyses; Minor idleness: a counter-hegemonic experience; Idleness: between resistance and (re)production of hegemonies. From this, we can infer that idleness experiences express and actualize tensions related to the agency of flows of desires between culture and the individual.

Keywords : idleness; experience; subjectivity; culture; schizoanalysis

1 Introdução

A esquizoanálise se trata de uma forma de pensamento desenvolvida por Deleuze e Guattari, apresentada a partir dos anos 70 em obras como *O Anti-Édipo*, *Mil Platôs* e outras. Trata-se de uma forma de pensamento que busca compreender a vida e os processos de produção do desejo, as nossas formas de desejar, a partir das relações entre indivíduo e cultura, como estes processos são atravessados pelo capitalismo, e contribuem para a produção da subjetividade (Deleuze, 2013).

Sabendo isso, podemos destacar a experiência do ócio, geralmente produzida a partir de práticas consideradas inúteis à luz do capital e que não têm qualquer finalidade produtiva em termos econômicos (Matos, 2012; Novaes, 2012; Ordine, 2015). Uma experiência atravessada por certos discursos hegemônicos produzidos a partir do século XVIII, durante a Revolução Industrial, com a finalidade de contribuir para o trabalho e a máxima extração das forças úteis dos indivíduos. Desse modo, assemelharam-se à palavra ócio expressões como “oficina do diabo” (Chauí, 2012; Martins, 2013; Wolff, 2012). Atravessado por uma moral, desde então o ócio tornou-se um pecado capital: a preguiça – que deve ser evitada. Uma compreensão sobre o termo que se estende até os nossos dias, com a finalidade de se evitar experienciar o ócio (Chauí, 2012; Martins, 2013).

Desse modo, o presente ensaio busca refletir sobre a experiência do ócio à luz de uma perspectiva esquizoanalítica.

Consoante mencionado no objetivo, é importante ressaltar que neste ensaio tratamos o ócio como uma experiência, em que tomamos em consideração uma compreensão de dois fatores. O primeiro consiste em um olhar voltado ao âmbito subjetivo: a experiência como subjetiva. E o segundo a experiência enquanto um arrebatamento, o indivíduo sentir-se arrebatado, tombado, ao realizar uma prática (Larrosa, 2014) – conforme apresentaremos em momento posterior deste texto.

Também é importante esclarecer que, sabendo o caráter político da esquizoanálise, neste texto interpretamos o ócio como uma experiência política, que se relaciona aos fluxos de desejos de cada indivíduo nas suas relações com a cultura. Liberações e bloqueios de fluxos de desejos (Barbosa Jr, 2024).

Frisamos que até o momento os estudos do ócio não se debruçaram sobre uma perspectiva esquizoanalítica¹, assim como Deleuze e Guattari, por sua vez, também não discorrem sobre o ócio, mas sim sobre o “devir”, conceito que melhor se relaciona ao ócio na perspectiva esquizoanalítica – como veremos no decorrer das seguintes páginas.

Desse modo, ainda nesta perspectiva, tratamos o ócio como um tipo de devir, que consiste em um outro conceito esquizoanalítico apresentado por Deleuze e Guattari (2012b). O devir se refere àquilo que ocorre num entre em um encontro entre dois blocos. O que está no meio. O que então não se discerne. O que se encontra descodificado, não capturado pela percepção e pelo pensamento. Ele apenas ocorre (Deleuze & Guattari, 2012b).

2 Metodologia

Orientando-nos a partir do objetivo ora proposto, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, eminentemente bibliográfica, do tipo narrativa. A pesquisa bibliográfica do tipo narrativa consiste em uma ferramenta valiosa na construção do conhecimento em diversas áreas acadêmicas e científicas. Essa abordagem é utilizada para sintetizar informações já publicadas (artigos e livros, por exemplo), oferecendo uma visão ampla e crítica sobre um tema específico. Ela não necessariamente segue uma meto-

¹Um dos únicos trabalhos que se propõem a realizar um diálogo entre o ócio e a esquizoanálise foi desenvolvido por Barbosa Jr (2024).

dologia rígida – diferente da revisão sistemática de literatura. O que contribui para a articulação de reflexões e críticas a respeito de um determinado assunto. Além disso, pressupõe a implicação da subjetividade dos autores, do seu rigor e da sua análise crítica (Rother, 2007).

No caso do presente ensaio, escolhemos tal procedimento metodológico por nos auxiliar a mapear o conhecimento produzido sobre os estudos do ócio e sobre os da esquizoanálise (sob uma perspectiva deleuziana). Com este intuito, recorreremos à literatura de investigadores sobre a temática do ócio em língua portuguesa e hispânica, privilegiando a perspectiva latina dos estudos sobre ócio, no sentido de evitar as diferenciações e especificidades convocadas pelos estudos de vertentes anglo-saxônicas.

A realização de tal recorte também toma como mote o fato de estudos latinos sobre o ócio convocarem uma perspectiva humanista, sob um enfoque complexo, a desafiar hegemonias e uma proposta de ciência positivista, em diálogo com os estudos clássicos sobre a temática do ócio – conforme veremos adiante.

Assim convocamos obras recentes de Amigo (2009, 2018), Aquino e Martins (2007), Barbosa Jr (2024), Barbosa Junior et al. (2019), Brasileiro (2015), Brasileiro et al. (2019), Castro e Martins (2011), Cuenca (2004, 2008, 2014, 2016, 2018), Francileudo (2013), Francileudo e Martins (2015), Grácio (2015), Halley e Maciel (2022), Martins (2008, 2013, 2018, 2021), Martins e Ponte (2010), Martins et al. (2017, 2023), Martins e Santos (2017), Matos (2012), Monteagudo (2008a, 2008b), Novaes (2012), Pinheiro et al. (2016), Rhoden (2009), Salis (2004, 2013, 2016, 2018), Santos (2021) e Vargas et al. (2016).

Todos estas obras sobre o ócio apresentam aproximações e cruzamentos, assim como alguns distanciamentos.

E uma vez que os estudos do ócio têm o seu início na filosofia clássica, convocamos as literaturas dos filósofos Aristóteles (2005) e Sêneca (2009) para contribuírem com a nossa análise.

Como um prisma para olharmos e discutirmos sobre os estudos do ócio, escolhemos a esquizoanálise, especificamente a partir de uma perspectiva deleuziana. Isso porque esta forma de pensamento, desenvolvida por Deleuze e Guattari, nos convoca um olhar político, complexo e sensível sobre o humano – assim como o ócio, e frisa relações entre indivíduos, modos de desejar e a produção de subjetividades atravessadas pela cultura e o capitalismo.

Desse modo, abordamos ao longo do presente texto alguns conceitos de obras deleuzianas, tais como: máquina desejante, devir, rosto, territorialização e desterritorialização, rizoma, linhas de segmentaridade duras, linhas de segmentaridade flexíveis, linhas de fuga, entre outros. Conceitos estes consultados a partir de obras de Deleuze, como: *Derrames: entre el Capitalismo y la Esquizofrenia* (2005), *Crítica e Clínica* (2011), *Conversações* (2013), *Diferença e Repetição* (2018); obras de Deleuze e Guattari, a exemplo d'O *Anti-Édipo* (2011b), *Mil Platôs, vols. 2, 3 e 4* (2011a, 2012a, 2012b)², *Kafka: por uma Literatura Menor* (2017); produções entre Deleuze e outros autores, como é o caso de Deleuze e Parnet, na obra *Diálogos* (1998); ou mesmo de produções de Guattari, como *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*

²A versão brasileira da obra *Mil Platôs* encontra-se dividida em cinco volumes.

(1981); e de Guattari em parceria com Rolnik, *Micropolítica: Cartografias do Desejo* (1998). Também trazemos outros autores, os quais influenciaram ou dialogam com a produção do pensamento da esquizoanálise, especificamente Foucault, a partir da obra *Vigiar e Punir* (2010); e Nietzsche, nas obras *A Genealogia da Moral* (2016) e *Assim falou Zaratustra* (2018).

Após leituras das bibliografias em questão e a compreensão de pontos basilares a respeito da experiência do ócio e da esquizoanálise, elaboramos três tópicos que encaminham as nossas análises. São eles: Considerações sobre o ócio: análises esquizoanalíticas; Ócio menor: uma experiência contra-hegemônica; Ócio: entre resistências e (re)produção de hegemonias, possibilitando-nos assim o correr deste texto enquanto um ensaio de uma breve proposta de plano cartográfico sobre o ócio.

No primeiro tópico refletimos sobre as experiências de ócio sob uma perspectiva esquizoanalítica, tomando em consideração o ócio enquanto um devir; em seguida, tratamos do que compreendemos neste texto como ócio “menor”, enquanto uma experiência contra-hegemônica; e no terceiro tópico deste texto refletimos sobre como o ócio, além de uma experiência de resistência e subversão, também pode contribuir para a produção e perpetuação de práticas e discursos hegemônicos em uma cultura.

3 Resultados e Discussões

A partir da metodologia empreendida, onde seguimos o objetivo posto, tecemos as nossas análises, conforme anunciado.

3.1 Considerações sobre o ócio: análises esquizoanalíticas

Termo originário do grego (*psychagogy*) e do latim (*otium*), o ócio pode ser traduzido como “uma ação criadora e/ou contemplativa” (Salis, 2013, p. 28), que se relaciona ao desenvolvimento da “arte de conhecer a si mesmo e ao outro” (Salis, 2013, p. 28). Esta prática tinha como função essencial o seu caráter educador na educação grega (paideia) e era compreendida como um valor a ser cultivado ao longo da vida (Brasileiro, 2015; Brasileiro et al., 2019; Salis, 2004, 2013, 2016).

O ócio foi estudado por filósofos na Grécia Antiga e no Império Romano, tais como Aristóteles (2005) e Sêneca (2009). Aristóteles (2005) pensava o ócio como uma prática relacionada a uma ética a respeito da forma como se vive a própria vida. Trata-se de uma prática livremente escolhida e que envolve um prazer enquanto é realizada. Uma prática exercida pela alma. Aquele que a exerce encontra felicidade. Aquele que a exerce encontra uma vida plena. Para o filósofo, esta prática é o inverso da vida ativa, do trabalho, do labor. Para viver o ócio, segundo o pensamento aristotélico, é preciso abster-se do trabalho útil. É preciso buscar o recolhimento privado. O ócio relaciona-se à vida contemplativa (Cuenca, 2008; Francileudo & Martins, 2015; Matos, 2012; Novaes, 2012). Sêneca (2009), por sua vez, refere-se ao ócio enquanto uma espécie de retiro, de repouso, uma contemplação (Cuenca, 2008; Novaes, 2012). Uma prática que leva o ser humano “a uma vivência ativa que exclui coisas fúteis” (Francileudo & Martins, 2015, p. 120). Uma vivência gratificante, marcada pelo bem-estar, pela liberdade de espírito, pela produção de sentidos (Cuenca, 2008; Francileudo & Martins, 2015). Uma vivência em que se pode cultivar a honestidade sobre a futili-

dade, possibilitando “o encontro do homem consigo mesmo” (Francileudo & Martins, 2015, p. 120). Para o filósofo, o ócio seria uma opção de vida: uma vida cuja ação é contemplativa. Trata-se de um modo estoico de viver a vida (Cuenca, 2008; Francileudo & Martins, 2015; Sêneca, 2009).

Tais perspectivas (principalmente a aristotélica) são posteriormente retomadas por Cuenca (2014, 2016, 2018), Francileudo (2013), Francileudo e Martins (2015) e Martins (2013, 2018, 2021), em seus estudos sobre o tema, atualizando-as a questões e necessidades convocadas por nossas culturas ocidentais a partir das últimas décadas do século XX.

Em suas compreensões sobre o ócio, os autores partem de uma perspectiva em que o ócio é compreendido enquanto uma experiência: a experiência de ócio. Uma experiência subjetiva e transformadora na relação entre o indivíduo e o mundo, em que algo toca o indivíduo, e lhe ocorre uma espécie de tombamento, um atravessamento; algo o atravessa e o transforma – conforme o conceito de experiência apresentado por Larrosa (2014). Trata-se da ideia heideggeriana de experiência, que

[...] remete para as vivências fundamentais da condição humana, apontando para uma noção de sabedoria que tem mais a ver com a apreensão do sentido e com a arte de ponderar, do que com a dominação fragmentada da realidade proporcionada pela ciência. (Grácio, 2015, p. 10)

Ainda segundo Cuenca (2014, 2016, 2018) e Martins (2013, 2018), o ócio consiste em uma experiência vivida num aqui e num agora. Uma experiência sem um fim utilitarista, ou seja, realizada com um fim em si mesma – ao que Cuenca (2016) primeiramente aponta como “autotelismo”. O ócio é autotélico, portanto. Também podemos citar outras características, como uma experiência durante e na qual se vive um desfrute e se sente satisfação durante o seu próprio desenvolvimento (Aquino & Martins, 2007; Cuenca, 2014, 2016, 2018; Francileudo & Martins, 2015; Martins, 2013, 2018, 2021; Martins & Santos, 2017; Matos, 2012).

Segundo Cuenca, o ócio é considerado um valor para a vida humana (2014). Para o autor, é importante desenvolver processos pedagógicos que possam auxiliar pessoas e instituições a educar outros indivíduos para a vivência do ócio. Contribuindo assim para uma espécie de bem-estar individual e social. É nesse sentido que o autor compreende o ócio como uma experiência que contribui para o desenvolvimento humano (2014, 2018). Já Martins (2012, 2018, 2021) pensa o ócio relacionado à vivência de emoções e sentimentos e a possibilidade de transformações pessoais e de intervenções no meio em que se vive.

É importante mencionar que em respostas às tensões de nosso tempo, a experiência de ócio também ressurgiu como uma experiência aliada a processos de resistência a estilos de vida orientados por discursos hegemônicos que supervalorizam o trabalho e o consumo em nossas culturas ocidentais (Francileudo, 2013; Francileudo & Martins, 2015; Halley & Maciel, 2022; Martins, 2013, 2018, 2021; Martins & Ponte, 2010; Pinheiro et al., 2016).

Outra autora a quem nos referimos acerca das experiências de ócio se trata de Rhoden, que discorre sobre o ócio no seu âmbito subjetivo a partir de uma perspectiva intimamente psicológica, em que demarca a existência de diferentes atributos pertencentes ao ócio. São eles:

1) percepção de liberdade; 2) motivação ou significado intrínseco (autotelismo); 3) desfrute ou estados afetivos positivos; 4) desenvolvimento humano; 5) sociabilidade ou encontro interpessoal; 6) descanso ou relaxamento; 7) ruptura ou evasão; 8) desafio; 9) implicação psicológica; 10) auto-expressão; e, finalmente, 11) os estados introspectivos: o encontro consigo, com a natureza ou com a beleza (apreciação estética). (Rhoden, 2009, p. 1248)

A autora toma como base para os seus escritos estudiosos americanos sobre o ócio ou experiências que lhe são próximas, a exemplo do psicólogo húngaro-americano Mihaly Csikszentmihalyi (1997), que discorre sobre as experiências de fluxo, as quais se referem a estados mentais entre os desafios apresentados na realização de uma atividade, a sua superação e a satisfação sentida durante e após a sua realização; e o germano-americano John Neulinger (1981), o qual defende o ócio não como uma experiência, mas sim a possibilidade de um estado mental que varia durante a realização de uma prática, o qual envolve o desfrute e a sensação de liberdade por parte daquele que realiza tal prática.

Segundo uma perspectiva esquizoanalítica, podemos interpretar o ócio como um tipo de devir. E o que é o devir, afinal? Como ocorre? Trata-se de outro conceito esquizoanalítico. O devir ocorre num encontro entre dois blocos. Refere-se àquilo que está no meio. Em que não se é nem um nem outro. Uma zona de indiscernibilidade (Deleuze & Guattari, 2012b) – algo semelhante ao que ocorre em uma experiência de ócio, conforme apresentamos nos parágrafos a seguir.

O ócio, como um devir, ocorre no campo da imanência. Ocorre na terra. Ocorre no aqui e agora, conforme apontam Aquino e Martins (2007), Francileudo (2013) e Matos (2012), ao se referirem ao ócio. Não se trata de uma dimensão pensada. Podemos até tentar descrevê-lo e produzir conceitos para isso. No entanto, a verdade é que em palavras não alcançamos o ócio, assim como não alcançamos o devir. Tanto um quanto o outro não se alcança em palavras nem em pensamentos ou teorias. Pois pensar sobre ambos é perdê-los. Eles apenas seguem enquanto fluxos, que não se pautam segundo uma racionalidade. Eles apenas ocorrem, em uma experiência que nos permite a possibilidade da multiplicidade (Barbosa Jr, 2024).

Nesse sentido, assim como defende Martins (2013), também defendemos que o ócio não pode ser medido. Em nosso caso, o ócio enquanto um devir, assim como os fluxos de desejos então agenciados. Podemos citar dois motivos: primeiro, o devir e os fluxos do desejo não se encontram parados. Não existem fluxos estáticos. Eles correm a todo o instante agenciados a partir de nossas práticas, em nossos corpos (Barbosa Jr, 2024). Segundo, não há medidas para medir ócio ou fluxo – embora se produzam instrumentos com esta finalidade, a exemplo de instrumentos de medição de ócio ou escalas psicométricas de atitude frente ao ócio. Escalas que apresentam diferentes níveis de resposta, a serem processadas por softwares, traduzidas a partir de desvios padrão, estruturas fatoriais e correlações entre escalas. Tais ideias de medição tratam de perspectivas ainda derivadas do positivismo, do século XIX. Perspectivas que não alcançam o devir. Não alcançam o ócio ou o devir. Como medir o que ocorre na imanência?

O ócio e o devir são compreendidos na possibilidade da intensidade, de *quanta*, fluxos de *quanta*. Nesta perspectiva, não nos enganemos, também não são puramente individuais, pois o que podemos afirmar puramente individual? Qual de nossas práticas não é atravessada pela cultura?

Desse modo, para além do que afirma Cuenca (2016), que refletiu sobre o “ócio autotélico”, com um fim em si mesmo, mencionamos que o ócio, ao mesmo instante, também pode apresentar outros fins. Ele pode contribuir para perpetuar alguma prática cultural – seja reproduzindo-a e reafirmando-a, em um processo de sobrecodificação. Seja reproduzindo-a e subvertendo-a, desafiando-a. Nesse sentido, poderíamos compreender o ócio como autotélico e heterotélico (Barbosa Jr, 2024).

Ainda nesta perspectiva, interpretamos o desfrute possível a partir do ócio – outra dimensão basilar defendida por Amigo (2009, 2018), Cuenca (2016) e Monteagudo (2008a, 2008b), agora na sua relação com o devir. Nesse sentido, compreendemos o desfrute como: o experimentar a sensação do correr de um fluxo (ou mais fluxos) correndo em intensidade em um plano de imanência, enquanto o indivíduo se permite o devir e o seu fluxo. Um fluxo intensivo. Um fluxo carregando *quanta*, em um *quantum* de forças.

Também compreendemos que o ócio, enquanto um devir, pode ocorrer a partir da repetição em intensidade de uma prática. Uma repetição que, ao repetir-se em intensidade, agencia fluxos intensivos. E estes fluxos são compostos pela diferença (Deleuze, 2018). Assim, no ócio, algo também se produz. Algo escapa. Algo novo escapa. E quando isso ocorre, o indivíduo já não é o mesmo. Algo mudou.

Percebemos assim uma experiência de ócio enquanto uma experiência da diferença, a partir de uma prática que então se torna uma prática da diferença. Uma experiência de uma prática de uma máquina desejante – afinal, como afirmam Deleuze e Guattari (2011b), somos todos máquinas. Máquinas que desejam. O que existe são máquinas. Percebemos assim uma experiência e uma prática no seio do poder e enquanto uma forma de contra-poder (Foucault, 1979), em que se agenciam fluxos, contribuindo para desterritorializações.

O que temos são repetições entre devires e desterritorializações. Repetições em intensidades. Repetições carregando diferenças. Nesse sentido, a experiência de ócio é uma experiência do eterno retorno, em uma prática enquanto um eterno retorno (Nietzsche, 2018).

Uma experiência que contribui para transformações daquele que vive tal experiência ao realizar uma prática (Amigo, 2009, 2018; Aquino & Martins, 2007; Barbosa Junior et al., 2019; Cuenca, 2014; Francileudo & Martins, 2015; Martins, 2013; Martins et al., 2017; Monteagudo, 2008a, 2008b; Santos, 2021; Vargas et al., 2016).

O ócio seria um devir que nasce enquanto criação – e não necessariamente destruição. Como pensar um ócio pura destruição? É nesse sentido que o estudioso Viktor D. Salis (2004) apresenta o conceito de ócio criador. Um ócio que se produz enquanto uma criação, e que segue no sentido do que os gregos compreendiam para a produção de um homem obra-de-arte: aquele a cultivar os valores da beleza, da nobreza e da justiça. Em outras palavras: a cultivar uma ética a orientar a sua existência (Castro & Martins, 2011; Salis, 2004).

Os fluxos possíveis a partir do ócio também não têm seus caminhos pré-estabelecidos. Pelo contrário: são trajetórias que seguem pelo desconhecido e em busca do desconhecido (Amigo, 2009, 2018; Barbosa Junior et al., 2019; Francileudo, 2013; Francileudo & Martins, 2015; Martins, 2013, 2021; Novaes, 2012). Um caminho cujo fim não se sabe e não se consegue definir ou mesmo pré-definir (Novaes, 2012). São trajetórias. Fluxos de desejos. Fluxos de desejos que seguem de forma rizomática – por diferentes rotas, trajetos. Fluxos de desejos também de um inconsciente – numa perspectiva da esquizoanálise, o inconsciente é isso: uma usina, uma fábrica, uma máquina de desejar produzindo a todo o instante (Deleuze & Guattari, 2011b).

Também compreendemos o ócio enquanto uma possibilidade de se fazer algo com a ferida que existe em cada corpo e através da qual cada corpo é afetado. A ferida que nos constitui. A ferida, fruto de acontecimentos que nos atravessam e nos marcam (Deleuze, 2009): a morte, e a percepção da finitude; ou o capitalismo, a colonização, o fascismo, as guerras. Isso porque o ócio se trata da produção de um novo possível, um possível ainda não pensado. Um possível desconhecido diante das possibilidades e dos lugares que nos são atribuídos cotidianamente em nossas culturas, diante destes acontecimentos que atravessam a nossa história e nos marcam. Podemos pensar, nesse sentido, o ócio como uma experiência revolucionária. Uma experiência carregando fluxos de *quanta* revolucionários. O ócio de uma vida ativa, a vida produzindo-se enquanto afirmação da própria vida (Rolnik, 2020). O ócio que desafia a moral, desafia o que se pensa como certo e como errado. O ócio enquanto uma ética.

Em resumo, compreendemos neste primeiro momento que uma experiência de ócio segundo uma perspectiva esquizoanalítica seria uma espécie de devir, que ocorre no plano da imanência. Uma experiência em intensidade, onde se possibilitam processos de desterritorialização e o liberar de fluxos outrora barrados. Uma experiência de produção a partir da própria ferida, de aceitação do destino, de amor ao destino, contribuindo para a produção da subjetividade segundo a sua orientação com base em uma ética.

3.2 Ócio menor: uma experiência contra-hegemônica

Sabendo que o ócio possibilita o agenciamento de fluxos de desejos outrora barrados, poderíamos compreendê-lo também como uma linha de fuga. Uma linha em que se escapa, em que algo escapa. Uma linha que resguarda um *quanta* de desterritorialização (Deleuze & Parnet, 1998). Que segue em direção ao novo. Que segue pelo desconhecido. Pois tanto os indivíduos quanto as espécies são atravessados e produzidos a partir de linhas. Os indivíduos, a espécie humana e outras espécies. Os vírus. A natureza. As culturas são produzidas a partir de linhas e seus cruzamentos, atravessamentos. A partir de suas liberações. A partir de seus barreiros. E de novas linhas que são produzidas. São linhas de fuga a seguirem em busca do novo. São linhas das convenções, referentes ao que está instituído. Linhas molares. Linhas de segmentaridade duras. Linhas d'A História. E linhas das histórias de cada um. De cada micro realidade. De cada situação. De cada caso. Linhas moleculares. Linhas de segmentaridade flexíveis. Linhas que se cruzam. Que atravessam uma a outra. De onde uma nasce, atravessa e é atravessada pelas demais. Linhas que atravessam as

nossas práticas e as histórias de nossas práticas (Deleuze & Guattari, 2012a; Deleuze & Parnet, 1998).

O ócio também é atravessado e produzido entre linhas. O ócio, essa linha de criação em que se agenciam fluxos de alguns desejos outrora barrados, ao mesmo instante que barra outros fluxos de outros desejos. E ao agenciar estes fluxos, ao liberá-los, o ócio possibilita o contar de uma história. Uma história destes fluxos que estavam barrados. Uma história que pode nascer da ferida em cada um e dos acontecimentos que a esta se relacionam.

A história oficial nos atravessa e nos compõe. E a história cujos fluxos são agenciados pelo ócio é uma história que nos convoca acontecimentos e uma ferida agora contada a partir das margens de cada um. Pois cada um resguarda uma margem. Margens em relação ao instituído a partir de discursos hegemônicos presentes em nossas culturas. Discursos que visam à manutenção de dadas formas de configuração social em que uns dominam e outros são dominados (Hall, 2016). Discursos, saberes e práticas que estabelecem o que é uma norma e quais os seus desvios (Foucault, 2010).

E esta história contada a partir da margem daquele que ocia não é “A História”. Aquela contada às massas. Mas “uma história”. Uma nova história que nunca escapa à primeira, que não deixa de ser atravessada pela primeira. Uma nova história contada. E outra. E outra. E mais outra a cada instante. A cada ócio. Pois as histórias que nascem das margens daqueles que ociam nascem num contar entre repetições e intensidades nos seus ócios. Nascem no cruzamento entre linhas de segmentaridade a todo o instante, de onde se produz o novo.

Trata-se da produção das diferenças. E o que seria uma diferença, se não uma produção como linhas de fuga? As diferenças compõem as linhas de fuga, arrastam as linhas de fuga, e são produzidas e arrastadas por elas. Afinal, as linhas de fuga são intensivas. São linhas de desterritorialização. Arrastando, sendo arrastadas e constituídas por fluxos de um *quanta* de desterritorialização (Deleuze & Guattari, 2012a).

Desse modo, poderíamos pensar estas novas histórias como uma produção de diferenças. Uma produção de narrativas a partir das diferenças e que são produzidas enquanto diferenças. Um novo. Uma nova possibilidade ao que já existe, às linhas já existentes.

Tomando do que Deleuze e Guattari (2017) afirmam sobre o escritor e a produção de literatura, também podemos mencionar que aquele que ocia o faz a partir de suas margens. E é a partir dessas margens, essas a que cada um segue a partir do ócio, que se torna um estrangeiro de si. Um estrangeiro ao seu rosto³ – que é seu e de outros, pois o rosto é de um e de todos, é de um e da sua cultura (Deleuze & Guattari, 2012a).

É importante ressaltar que o indivíduo não se torna um estrangeiro antes ou após o ócio. Torna-se durante. Pois, mais uma vez: ao nos referirmos ao ócio, referimo-

³Segundo a esquizoanálise, as culturas apresentam rostos, transmitidos a partir da linguagem, e que consistem no estabelecimento de quais fluxos de desejos devem correr em cada corpo, assim como o modo que devem correr (Deleuze & Guattari, 2012a). O rosto se trata de uma espécie de coagulação da subjetividade, marcada por um processo de captura, de canalização destes fluxos, de modo a “fechar” uma subjetividade sobre si própria, com a finalidade de impedir que outros fluxos vazem. Em outras palavras: a ideia de uma “identidade” fixa e racionalizada. O rosto seria uma identidade.

nos ao que se passa durante. A imanência. Uma linha de fuga não ocorre no antes ou no depois. É no agora. A linha de fuga é uma linha imanente, uma linha de intensidades, uma linha antigravidade – em um sentido nietzscheano, conforme o profeta Zaratustra⁴ (Nietzsche, 2018).

No ócio, o individuo se torna um estrangeiro de si nestas margens que são suas, mas também de outros. Pois uma margem é margem de algo, em relação a algo. Em relação a um centro. Em relação àquilo que é o contar da História – a molaridade, as linhas de segmentaridade duras. As histórias “macro”, por exemplo. E não há apenas uma margem. Há várias. Diversas. Das mais diferentes possibilidades, que se atravessam e se constituem também atravessadas pelas histórias oficiais: quais margens resguardam a história que nos é contada sobre os processos da colonização no Brasil? Como isso nos atravessa? E o patriarcado ao longo da história? Como isso nos atravessa? São várias as possibilidades. São vários os acontecimentos e as feridas produzidas. E são várias as margens produzidas ao longo da história e das nossas histórias. São vários os escapes. São várias as fugas. E a cada margem se resguarda a possibilidade da liberação de potências.

A estas histórias das margens, produzidas enquanto linhas de fuga, nós as chamamos de histórias “menores”. Histórias que não estão para as massas nem seguem o que estas sugerem. Histórias produzidas nesta experiência a que podemos chamar “ócio menor” (Barbosa Jr, 2024).

O ócio menor então seria um ócio enquanto uma experiência de micro-resistência, de micro-revolução em relação às histórias oficiais e aos discursos hegemônicos nas nossas culturas. Uma experiência que contribui para a produção de uma nova narrativa, de uma nova história diante daquelas oficiais. A produção de novas narrativas e novos sentidos a partir da liberação dos fluxos e das potências outrora sufocadas em cada indivíduo.

Ainda sobre o ócio menor, podemos mencionar outras características, como ele se configurar enquanto uma espécie de máquina. Uma máquina de guerra, como afirmam Deleuze e Guattari (2012a). Uma máquina em que se destrói e se cria. Pois o que ocorre é isso: destruição e produção, criação. Ainda que numa reprodução, há algo de criação: a diferença. Esta diferença, que se produz a partir da repetição em intensidade (e esta que se produz junto àquela) é também destruição. E a linha de fuga, nestas repetições entre as segmentaridades, é isso: uma linha de destruição e criação (Deleuze & Parnet, 1998). É como a vida. É o que ocorre no campo da arte. O que ocorre na criação poética, por exemplo. Em uma das possibilidades de se produzir um poema é preciso desafiar, questionar regras e até mesmo destruir sentidos e correlações entre termos expressos pela gramática, termos ensinados na escola.

Experienciar um ócio menor, produzir uma linha de fuga, uma máquina de guerra, trata-se, portanto, da produção de um novo agenciamento. Destruir e criar. Agenciar fluxos e produzir uma outra gramática a partir da destruição de uma primeira. Destruir e criar. Produzir uma gramática “menor”. Uma gramática aberta à multiplicidade. Uma gramática que não se encontra necessariamente codificada, binarizada, a partir de normas e desvios, centros e margens. Uma gramática que, em seguida, será codificada. Uma gramática a ser codificada por máquinas abstratas – as institu-

⁴Profeta persa sobre quem Nietzsche escreve na obra *Assim falou Zaratustra* (2018).

ições. Estas máquinas que servem ao rosto. Máquinas que servem às linhas molares. Uma gramática a ser atravessada e a dar continuidade às outras linhas.

O ócio menor, portanto, agencia fluxos que carregam estes desejos das minorias. Desejos que atravessam estas histórias das minorias. O ócio menor agencia fluxos de desejos dessas histórias que estavam escondidas, que estavam sufocadas. Histórias e fluxos de desejos barrados por fluxos de desejos que atravessam as histórias maiores, no agenciamento convocado por estas histórias maiores. Por estes territórios. Pelos desejos do rosto que as conta. Pelos desejos do colonizador. Desejos que alimentam o micro-fascista⁵ em nós, aquele que se orienta a partir do ressentimento. Desejos que achatam outros desejos. Desejos do escravo, como refere Nietzsche. Desejos de alguém cujos pés encontram-se amarrados a grilhões que os prendem ao chão (Nietzsche, 2016, 2018). Linhas de fugas barradas. Desejos presos à gravidade. Desejos que atuam contra a vida. Desejos do micro-fascista, cuja linha de fuga pode, inclusive, se tornar uma linha de destruição e abolição. Uma linha em busca de destruir e abolir a alteridade e as possíveis desterritorializações que a relação com a alteridade convoca. Já não há criação. Apenas destruição e abolição (Deleuze & Guattari, 2012a).

Trata-se, portanto, de liberar fluxos contidos de uma história não-contada no dia a dia. Um não-dito. Um ócio que está presente nas sutilezas de nossas práticas cotidianas – um ócio ao brincar, um ócio ao fazer crochê, um ócio ao cantar, ao escrever, ao dançar, um ócio ao que for possível. Um ócio. Linhas de fuga muitas vezes imperceptíveis. Nem por isso deixam de ser linhas de fuga. Um não-contado que, ao ser contado, ao ser exposto, narrado, agencia fluxos que questionam o rosto e seus desejos. Um não-contado que questiona as suas ordens. Suas palavras de ordem (Deleuze & Guattari, 2011a).

3.3 Ócio: entre resistências e (re)produção de hegemonias

Embora consideremos a experiência de ócio como uma linha de fuga, ela também carrega outras linhas e é atravessada por estas. Isso porque não há linhas de fuga que não sejam atravessadas pelas demais. Não há linhas de fuga que não se tensionem com as demais (Deleuze & Parnet, 1998). Nesse sentido, compreendemos que não há ócio sem cultura e as nossas práticas culturais. Nem há ócio sem cada micro história e os seus atravessamentos pela cultura, sem os modos como as linhas flexíveis são atravessadas pelas linhas de segmentaridade dura, assim como estas atravessam aquelas, e as perpetuam (Barbosa Jr, 2024). É a partir dos atravessamentos e das tensões entre estas linhas que o ócio nasce e segue.

Mais do que carregar as linhas de segmentaridade duras e as linhas flexíveis, a experiência de ócio, nas suas repetições, as reproduz ou mesmo contribui para a produção de novas linhas duras a atravessarem as linhas flexíveis. Isso porque são inúmeras as possibilidades de atravessamentos e tensionamentos entre as três diferentes linhas. Uma linha de fuga nasce e pode arrastar outras linhas de fuga, ao mesmo instante que arrasta linhas de segmentaridade duras e flexíveis; uma linha de fuga também

⁵Deleuze e Guattari (2012a) defendem que o fascismo também está numa microfísica, numa micropolítica, em cada um de nós. Entre as suas características mencionamos uma busca por poder e domínio, podendo se perpetuar a partir de nossas práticas cotidianas (Deleuze & Guattari, 2012a; Guattari, 1981).

nasce e pode ser bloqueada por estas – como o sentimento de culpa por experienciar o ócio (Salis, 2018); também pode ser bloqueada antes de nascer, impedindo assim o seu surgimento; e uma linha de fuga nasce e pode se tornar linha de segmentaridade dura – a exemplo das propostas de pedagogia e educação pelo ócio e para o ócio promovidas por Cuenca (2004) e do projeto de educação para o ócio no trabalho, realizado por Martins (2008) com um grupo de jovens em uma empresa na cidade de Fortaleza-Ce/Brasil. No último caso, o ócio, que nasceria enquanto subversão, poderia inclusive se tornar uma convenção na cultura de uma comunidade, em uma empresa, em um ambiente de trabalho. Afinal, educar para o ócio em uma empresa pode ser uma linha de fuga, dados os preconceitos sobre o ócio em nossas culturas que supervalorizam o trabalho. Tal linha de fuga poderia integrar a cultura da empresa, poderia contribuir para a produção de diferentes linhas de fuga em cada corpo, ao mesmo instante atravessando-se e sendo atravessadas pelo capitalismo na cultura de uma organização.

Também esclarecemos que os atravessamentos e os tensionamentos entre estas linhas não ocorrem de modo separado ou seguem uma perspectiva linear. Eles ocorrem ao mesmo instante em uma microfísica, onde se faz impossível distinguir o que vem antes ou depois (Deleuze & Parnet, 1998).

Desse modo, compreendemos que na experiência de ócio ocorrem diferentes processos, que também se tensionam. Ocorre a produção de um caminho novo, uma subversão ao instituído, marcada pela liberação de determinados fluxos e potências outrora sufocados (que não deveriam correr) e que podem, quiçá, seguir no sentido de um dia tal caminho novo tornar-se uma produção hegemônica. Então, podem ser produzidos discursos hegemônicos em que se convoquem as experiências de ócio, que suscitem a vivência destas experiências e os saberes que destas possam derivar. Sempre nos referindo a perspectivas em uma microfísica, seja em uma sala de aula, seja em uma escola, seja na relação professor e aluno, seja em uma família, quaisquer instituições e as suas relações com as máquinas desejanter. Pois o ócio se faz possível em uma microfísica.

Ainda na experiência de ócio ocorre a repetição do instituído, dos códigos apresentados pelas instituições, pelas máquinas abstratas, os quais nos territorializam e sobre os quais nos territorializamos. Referimo-nos às instituições e aos seus códigos, que nos atribuem lugares e espaços a cada corpo, aos códigos que nos dizem como devemos sentir, pensar e agir. Os códigos que fazem parte do processo de captura e canalização dos fluxos dos nossos desejos. Em outras palavras: que nos sufocam diferentes partículas, potências, dificultando assim a possibilidade da multiplicidade, e nos convocando a vida consoante a sua ordenação e racionalização (Deleuze & Guattari, 2012a). E ao se repetir o instituído pode ocorrer a sua reafirmação. Uma reafirmação das instituições e dos seus códigos.

Ao mesmo instante, ao se repetir o instituído, também pode ocorrer uma desterritorialização do instituído no sentido de se realizar um processo de sobrecodificação dos seus códigos sobre o nosso corpo, ou seja, de "apertar" e fortalecer os seus códigos em nossos corpos, assim organizando-nos de modo a melhor servirmos aos interesses capitalísticos em nossas culturas.

Nesse sentido, a experiência de ócio, ao mesmo instante que questiona o rosto, e as potências micro-fascistas que podem ser liberadas nos processos de rostificação, também contribui para a reafirmação do rosto, inclusive para a sua atualização, alimentando e atualizando o micro-fascista que existe em cada corpo. Alimentando assim as potências ativas e reativas em cada corpo, os seus modos ativos e reativos de viver. Isso porque a experiência de ócio carrega o rosto e deste não se separa (Barbosa Jr, 2024). E ao mesmo instante que a experiência de ócio possibilita um vazar diante dos modos de produção de subjetividades capitalísticas, este vazar também pode ser contido por outros lados, e as canalizações dos fluxos se atualizarem. Eis um paradoxo relativo ao ócio. Algo semelhante ao que Deleuze e Guattari (2012b) afirmam sobre o devir.

E tal como a experiência de ócio pode nos permitir lidar com a ferida, aprofundá-la e produzir acontecimentos que possibilitem um olhar "com humor" sobre esta, uma aceitação da ferida e da vida, tal experiência também pode contribuir para negar o presente, para negar a realidade. A experiência de ócio pode contribuir para negar a alteridade convocada pela vida e pelos seus acontecimentos, contribuindo assim para a produção de um corpo-escravo, um corpo preso ao passado, ao que lhe aconteceu. Ou um corpo preso a uma perspectiva de futuro. Independentemente se ao passado ou ao futuro, um corpo preso à tentativa de controle sobre o que escapa, sobre o outro, sobre a natureza, sobre o inesperado, sobre o que possa se desprender da grande máquina que é a vida, que é a natureza – a possibilidade do caos. Trata-se de uma ideia de negação, abolição e destruição da alteridade. Do outro e da sua alteridade. Da vida e da sua alteridade, sob uma tentativa de fazer do outro e da vida a sua extensão. O que nos possibilita inferir que a experiência de ócio também poderia contribuir para que tal máquina desejante se torne uma espécie de micro-máquina totalitária – um totalitarismo em uma microfísica.

Compreendemos assim que a experiência de ócio também serviria ao fascismo, carregando as linhas duras coloniais, racistas, machistas, entre outras, e contribuindo para modos de agir consoante o micro-fascismo, alimentando uma lógica fascista e reativa de viver, onde se pode alimentar e reproduzir a própria ferida. A experiência de ócio poderia, inclusive, contribuir para a produção de novas feridas, seja naquele que vive esta experiência, seja em outros.

Em outras palavras: ao ocorrer uma experiência de ócio, não se sabe o seu início e o seu fim. O ócio é rizomático, e tem o seu caminho indefinido e indecifrável. Como o caminho do pirata a navegar sobre o mar, com todos o desconhecido e inesperado presente em tal jornada. O caminho da experiência. Um caminho perigoso, conforme apontado por Larrosa (2014). Sendo o ócio rizomático, os seus fluxos podem seguir por várias direções, e podem criar o novo, sem que nos caiba o julgamento se será bom ou mau. O que nos faz possível é a busca por compreender o ócio entre o autotelismo e o heterotelismo, em que se convocam fluxos intensivos em um *quanta* de desterritorialização na relação entre a produção de subjetividades e a cultura. A questão está no correr dos fluxos, na sua intensidade, assim como nos processos de canalização e direcionamento destes fluxos.

É nesse sentido que compreendemos a experiência de ócio agenciando fluxos esquizo e paranoicos, ou seja: fluxos que consistem em um desvio aos modos de codificação, produção e organização de uma subjetividade capitalística; e fluxos referentes

à perpetuação e/ou atualização destes modos de codificação e produção. Tensão a partir da qual podem surgir desde uma obra de arte a tiques ou ao que comumente se compreende como adoecimentos psíquicos, como TOC's, depressões, síndromes do pânico, etc.

Assim, de modo complementar às propostas de pensamento sobre o ócio apresentadas por Cuenca (2014, 2016, 2018), por Martins (2018) e por Martins et al. (2023), em que o primeiro afirma o ócio para um desenvolvimento humano, um valor para a vida; e os autores seguintes afirmam o ócio enquanto possibilidade de resistência a discursos e práticas hegemônicas, defendemos que o ócio apresenta estas possibilidades e uma outra: se num primeiro momento pode ser uma possibilidade de resistência a discursos hegemônicos, simultaneamente pode agenciar fluxos que contribuem para a reprodução e a produção destes e de outros discursos e práticas, contribuindo assim para perpetrar e atualizar práticas de violência de uma cultura.

É neste sentido que as experiências de ócio podem contribuir para atualizar os processos de produção capitalísticos, assim como as tensões presentes entre fluxos de desejos do indivíduo e aqueles apresentados pelas nossas culturas atravessadas e orientadas pelo capitalismo.

4 Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo refletir sobre a experiência de ócio à luz de uma perspectiva esquizoanalítica. Desse modo, realizamos uma revisão bibliográfica do tipo narrativa a partir de referências nos estudos do ócio, assim como obras sobre esquizoanálise, sob uma perspectiva deleuziana, produzidas especialmente por Deleuze e Guattari.

Podemos inferir, a partir destas análises, as experiências de ócio como intimamente relacionadas ao desejo, à cultura e ao indivíduo. Uma experiência na qual se evidencia o seu caráter político. Trata-se de uma perspectiva que inicialmente toma como base conceitos apresentados por estudiosos referências sobre a temática do ócio, agora sob uma proposta de interpretação esquizoanalítica. Conceitos que interpretamos, desafiamos e que nos convocam à produção de outros. Temos assim uma proposta em que percebemos a experiência de ócio enquanto uma experiência imanente e em intensidade. Uma experiência que, em suas repetições, contribui para um agenciamento de fluxos dos mais diversos desejos. Um ócio como um devir. Uma experiência desterritorializante a partir da qual podemos produzir com base em nossas feridas. Uma experiência a desafiar limites culturalmente estabelecidos.

Compreendemos ainda a experiência de ócio como uma experiência que nasce e é atravessada por linhas de segmentaridade duras e flexíveis. Uma experiência que nasce nas histórias de cada um nos seus atravessamentos pela cultura. A experiência de ócio enquanto uma linha de fuga, e que pode ser compreendida como um ócio menor, o qual é produzido a partir das margens de cada um e que contribui para dar luz a estas margens. Que contribui para a liberação de potências sufocadas a partir do contar de histórias “menores”, histórias não-contadas, aquelas não-oficiais e não hegemônicas.

Ao mesmo instante, e sendo o ócio uma experiência rizomática cujo fim não se conhece, e uma vez que esta experiência também arrasta as linhas duras e flexíveis, ele pode agenciar fluxos que contribuem para a reprodução e a atualização destes e de outros discursos hegemônicos em uma cultura, contribuindo para alimentar as potências micro-fascistas em cada corpo, assim como para os processos de produção capitalísticos.

Em outras palavras: segundo uma perspectiva esquizoanalítica, o ócio é produzido enquanto uma linha de criação, um desvio, uma subversão. E ao mesmo instante pode contribuir para a manutenção de processos de dominação, agenciando fluxos de destruição e abolição. Nasce subversão. E pode seguir enquanto outras possibilidades.

É nesse sentido que afirmamos que falar sobre o ócio, a partir de uma perspectiva esquizoanalítica, é falar sobre política. É falar sobre uma tensão entre desejos. Uma tensão entre potências margeadas e liberadas a partir de nossas relações com a cultura.

Referimo-nos, portanto, a uma experiência que convoca a atualização de uma tensão entre forças ativas e reativas, de uma vida ativa e uma vida reativa. Uma tensão que nos atravessa, que está presente em nossa cultura e em nós, e a partir da qual se produzem nossas subjetividades. Referimo-nos, portanto, a uma experiência que contribui para a produção de nossas subjetividades. Experiências de indivíduos. Experiências de ócio de máquinas que desejam.

Para além disso, consideramos ter iniciado neste ensaio uma proposta de um plano cartográfico sobre o ócio, descrevendo como e por onde os seus diferentes fluxos podem nascer e correr, ou mesmo quais fluxos são barrados ao se viver uma experiência de ócio. O que contribui para frisarmos a relevância deste ensaio, especialmente no que concerne aos estudos do ócio e da esquizoanálise. Ao mesmo instante, é importante afirmar que se trata de uma proposta ainda inicial, convocando assim a realização de mais estudos e aprofundamentos a respeito dos diálogos entre o ócio e a esquizoanálise.

Além disso, e por se tratar de uma proposta de um plano cartográfico, há de sempre ser questionada, desafiada e atualizada a cada aplicação, a cada experimentação dos sentidos diante do que as mais diferentes realidades convoquem. Deixamos, portanto, este desafio, assim como lançamos um convite para diálogos na proposta esquizoanalítica sobre o ócio.

Referências

- Amigo, M. L. F. A. (2009). Benefícios de la experiencia de ocio estético. *Subjetividades*, 9(2), 397–432. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1625>
- Amigo, M. L. F. A. (2018). *Ócio estético valioso*. Edições Sesc.
- Aquino, C. A. B., & Martins, J. C. O. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 2(2), 479–500.
- Aristóteles. (2005). *Ética a Nicômaco*. Martin Claret.

- Barbosa Jr, F. W. (2024). Notes about Leisure and Desire: Schizoanalytic Perspective. In F. W. Barbosa Jr, & M. M. Baptista (Orgs.), *An Interdisciplinary Perspective on Leisure and Cultural Practices in Portugal and Brazil* (pp. 156–166). University of Cambridge.
- Barbosa Junior, F. W. de S., Baptista, M. M. R. T., & Monteagudo Sánchez, M. J. (2019). Notas sobre la experiencia de ocio estético. *Revista Subjetividades*, 19(2), e9202. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i2.e9202>
- Brasileiro, F. N. V. (2015). *Da paideia à escola contemporânea: estudo qualitativo sobre o lugar do ócio nos processos educativos na cidade de Teresina-PI* [Tese de Doutorado, Universidade de Fortaleza]. <https://unifor.br/web/pos-graduacao/doutorado-psicologia>
- Brasileiro, F. N. V., Vitorino, G. T., & Martins, J. C. O. (2019). *Da paideia à educação contemporânea - limites e possibilidades de processos educativos pelo ócio e para o ócio*. Gráfica Unifor.
- Castro, B. P. L., & Martins, J. C. O. (2011). Ócio criador: perspectivas para seu aporte na sociedade hipermoderna. *Revista Ciência e Pesquisa Unifor*, 1, 21–34.
- Chauí, M. (2012). Sobre o direito à preguiça. In A. Novaes (Org.), *Mutações: elogio à preguiça* (pp. 77–105). Edições SESC SP.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). *Fluir: Uma psicologia de la felicidad*. Cairos.
- Cuenca, M. C. (2004). *Pedagogía del ocio: modelos e propuestas*. Universidad de Deusto.
- Cuenca, M. C. (2008). *¿Qué es el ocio? 20 respuestas clásicas y un testimonio*. Documentos de Estudios de Ocio. Universidad de Deusto.
- Cuenca, M. C. (2014). *Ocio valioso*. Universidad de Deusto.
- Cuenca, M. C. (2016). O ócio autotélico. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação, SESC*, (2), 10–29.
- Cuenca, M. (2018). *Ocio valioso para un envejecimiento activo y satisfactorio*. Editorial CCS.
- Deleuze, G. (2005). *Derrames: entre el capitalismo y la esquizofrenia*. Cactus.
- Deleuze, G. (2009). *Lógica do sentido*. Perspectiva.
- Deleuze, G. (2011). *Crítica e clínica*. Editora 34.
- Deleuze, G. (2013). *Conversações*. Editora 34.
- Deleuze, G. (2018). *Diferença e repetição*. Paz & Terra.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011a). *Mil platôs, vol. 02*. Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011b). *O Anti-Édipo*. Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012a). *Mil platôs, vol. 03*. Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2012b). *Mil platôs, vol. 04*. Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2017). *Kafka: Por uma literatura menor*. Autêntica Editora.

- Deleuze, G., & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. Editora Escuta.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Graal.
- Foucault, M. (2010). *Vigiar e punir*. Vozes.
- Francileudo, F. A. (2013). *Sobre a experiência de ócio: significados revelados com base em um estudo hermenêutico-fenomenológico* [Tese de Doutorado, Universidade de Fortaleza]. <https://unifor.br/web/pos-graduacao/doutorado-psicologia>
- Francileudo, F. A., & Martins, J. C. (2015). *Sentido do tempo, sentido do ócio, sentidos para o viver*. Grácio Editor.
- Grácio, R. A. (2015). Virtudes do ócio: da bússola desorientada à ousadia da invenção apropriante do sentido. In F. A. Francileudo, & J. C. Martins (Orgs.), *Sentido do tempo, sentido do ócio, sentidos para o viver* (pp. 9–14). Grácio Editor.
- Guattari, F. (1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Editora Brasileira.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1998). *Micropolíticas: Cartografias do desejo*. Vozes.
- Hall, S. (2016). *Cultural Studies 1983: a theoretical history* (J. D. Slack, & L. Grossberg, Eds.). Duke University Press.
- Halley, G. F., & Maciel, M. G. (2022). Sobre ócio, lazer e tempo livre: dirimindo imprecisões. *Anuario Turismo y Sociedad*, 32, 301–317. <https://doi.org/10.18601/01207555.n32.12>
- Larrosa, J. (2014). *Tremores: escritos sobre experiência*. Autêntica.
- Martins, J. C. O. (2008). Educação para o ócio no trabalho: potencializando sujeitos para a vida. In: J. C. O. Martins, & M. Cuenca Cabeza (Orgs.), *Ócio para viver no século XXI* (pp. 219–248). As Musas.
- Martins, J. C. O. (2013). Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In: J. C. Martins, & M. M. Baptista (Orgs.), *O ócio nas culturas contemporâneas: teorias e novas perspectivas em investigação* (pp. 11–22). Grácio Editor.
- Martins, J. C. O. (2018). Ócio na contemporaneidade cansada. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação – SESC*, (n. Esp.), 35–44.
- Martins, J. C. O. (2021). Ócio: Reflexões a partir do isolamento social. In J. C. O. Martins, C. F. Melo, & F. W. S. Barbosa Junior (Orgs.), *Ensaio da pandemia: o isolamento social entre caos e recriação da vida* (pp. 215–232). Appris.
- Martins, J. C. O., & Ponte, F. T. (2010). A experiência de ócio na sociedade de tempos escassos. *Revista de Humanidades (UNIFOR)*, 25, 78–87.
- Martins, J. C. O., & Santos, K. J. (2017). Incorporando valores: o ócio para além do senso comum. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 4, 136–151.
- Martins, J. C. O., Santos, K. J., & Moreira, G. G. O. (2017). Jogo teatral: o "clown" como possibilidade de experiência de ócio na velhice. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 4, 104.

- Martins, J. C. O., Vargas, T., & Carvalho, A. (2023). Uma reflexão contemporânea sobre o conceito de ócio pela perspectiva dos Estudos Culturais. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, 59, 39–57. <https://doi.org/10.4013/csu.2023.59.3.03>
- Matos, O. (2012). Educação para o ócio: da acídia à “preguiça heroica”. In A. Novaes (Org.), *Mutações: elogio à preguiça* (pp. 51–76). Edições SESC SP.
- Monteagudo, M. J. (2008a). Consecuciones satisfactorias de la experiencia psicológica del ocio. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(2), 307–325. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/1651>
- Monteagudo, M. J. S. (2008b). *La experiencia de ocio: una mirada científica desde los estudios de ocio*. Documentos de estudios de ocio, 35. Universidad de Deusto.
- Neulinger, J. (1981). *The psychology of leisure*. Charles C. Thomas.
- Nietzsche, F. (2016). *A Genealogia da moral*. BestBolso.
- Nietzsche, F. (2018). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Companhia das letras.
- Novaes, A. (2012). As aventuras de uma palavra maldita. In A. Novaes (Org.), *Mutações: elogio à preguiça* (pp. 11–27). Edições SESC SP.
- Ordine, N. (2015). *La utilidad de lo inútil*. Acantilado.
- Pinheiro, K. F., Rhoden, I., & Martins, J. C. O. (2016). A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. *Subjetividades*, 10(4), 1131–1146. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4962>
- Rhoden, I. (2009). O ócio como experiência subjetiva: contribuições da psicologia do ócio. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 9(4), 1233–1250. <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4908>
- Rolnik, S. (2020). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não chulada*. Sistema Solar.
- Rother, E. T. (2007). Editorial - Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Salis, V. D. (2004). *Ócio criador, trabalho e saúde*. Claridade.
- Salis, V. D. (2013). Ensaando uma epistemologia sobre os termos ócio e trabalho. In J. C. Martins, & M. M. Baptista (Orgs.), *O ócio nas culturas contemporâneas* (pp. 23–37). Grácio Editor.
- Salis, V. D. (2016). Ensaando uma epistemologia do ócio. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC*, (2), 30–38.
- Salis, V. D. (2018). *Ócio, culpa e existência: uma tragédia judaico-cristã*. Sattva Editora.
- Santos, K. J. (2021). *O “clownear” enquanto experiência lúdico-criativa potencializadora da vida na velhice*. CRV.
- Sêneca. (2009). *Da vida feliz*. WMF Martins Fontes.
- Vargas, T., Bittencourt, L., & Martins, J. C. de O. (2016). A experiência de Ócio e sua dimensão criativa: um estudo de caso sobre a performance de Water

Music (2004) de Tan Dun (1957). *Música Hodie, Goiânia*, 16(1), 71–85. <https://doi.org/10.5216/mh.v16i1.43055>

Wolff, F. (2012). Apologia grega à preguiça. In A. Novaes (Org.), *Mutações: elogio à preguiça* (pp. 29–49). Edições SESC SP

Esta obra tem a licença Creative Commons «Atribuição 4.0 Internacional».

